

**RELAÇÃO DO USO DE PRESERVATIVO COM A PREVALÊNCIA DE DST'S
DETECTADO POR MEIO DO EXAME DE PAPANICOLAU NA USF-SESC,
PARACATU-MG**

Karina Carvalhal Tabet¹
Luanna Silva Almeida²
Aline Vieira Moraes Essado³
Hélcio Bueno⁴
Talitha Araújo Faria⁵

RESUMO

As Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST's) representam um sério impacto na saúde reprodutiva das mulheres, já que podem causar esterilidade, doença inflamatória pélvica, câncer de colo uterino, gravidez ectópica, infecções puerperais e recém-nascidos com baixo peso, além de interferir negativamente sobre a autoestima. Mesmo a prevenção sendo acessível e de fácil manipulação, ainda assim existem casos de doenças sexualmente transmissíveis pelo não uso de preservativos. O objetivo deste estudo foi identificar o impacto do conhecimento do uso de camisinha masculina na prevenção de DST's e os fatores associados ao uso adequado deste na atividade sexual das mulheres cadastradas no USF-SESC Paracatu – MG. Notou-se que as mulheres não apresentam conhecimento adequado sobre o uso de preservativos na prevenção de DST's, preocupando-se apenas no uso como método contraceptivo. Isto aponta na necessidade de conscientizá-las através de programas que tenham como finalidade instruí-las sobre a prevenção.

Palavras-chave: Doença Sexualmente Transmissível (DST); Papanicolau; Preservativo masculino.

ABSTRACT

Sexually Transmitted Diseases (STDs) represent a serious impact on women's reproductive health, as they can cause sterility, pelvic inflammatory disease, cervical cancer, ectopic

¹ Graduanda do 2º ano do Curso de Medicina da Faculdade Atenas (FA). Paracatu, MG, Brasil,

² Graduanda do 2º ano do Curso de Medicina da Faculdade Atenas (FA). Paracatu, MG, Brasil,

³ Graduanda do 2º ano do Curso de Medicina da Faculdade Atenas (FA). Paracatu, MG, Brasil,

⁴ Professor orientador do curso de medicina da Faculdade Atenas (FA). Paracatu, MG, Brasil,

⁵ Professora orientadora do curso de medicina da Faculdade Atenas (FA). Paracatu, MG, Brasil.

pregnancy, puerperal infections and newborns with low birth weight, and interfere with negatively self-esteem. Even prevention is accessible and easy to handle, yet there are cases of sexually transmitted diseases to non-use of condoms. The objective of this study is to identify the knowledge of male condoms (condoms) in STD prevention and factors associated with the use of male condoms in women registered at SESC Paracatu - MG.

Key words: Sexually Transmitted Disease (STD); Pap; Male condom.

INTRODUÇÃO

Um importante agravo à saúde pública são as doenças sexualmente transmissíveis (DST), logo é um desafio para o Sistema Único de Saúde (SUS) reforçar sua qualidade de assistência e promover a conscientização sobre o risco de relações sem proteção. O uso correto e frequente do preservativo assegura a prevenção de DST e está ligado ao conhecimento, à atitude e à prática, ou seja, ao que as pessoas sabem, sentem e como se comportam a respeito das DST. Esses elementos habilita a promoção da saúde sexual e reprodutiva, conscientização sobre a autonomia e corresponsabilidade do cuidado com o próprio corpo, além de acabar com a cadeia de transmissão de DST (SOUSA, 2010)

Segundo Martins (2006), as DST's podem causar esterilidade, doença inflamatória pélvica, câncer de colo uterino, gravidez ectópica, infecções puerperais e recém-nascidos com baixo peso, e de forma negativa, interfere no autoestima da mulher.

A sífilis é uma patologia infecciosa e sistêmica e abrange o mundo todo, esta divide-se em estágios, como a sífilis primária (ulceração presente na genitália feminina, além de presença de linfadenomegalia, geralmente sem sequelas), a secundária (com presença de complicações), terciária (complicações cardíacas, neurológicas e/ou ortopédicas podem estar presentes, porém é comum ser assintomática), latente e tardia, estas classificações ocorrem de acordo com a evolução da doença (MAGALHÃES et al., 2011).

Apresenta como agente etiológico a bactéria *Treponema pallidum*, sendo uma doença transmitida por relação sexual. O treponema invade a circulação linfática mais próxima e via corrente sanguínea dissemina para outros órgãos (AVELLEIRA e BOTTINO, 2006).

A tricomoníase compreende a doença sexual transmissível mais frequente em todo o mundo (ALVES et al., 2011).

O *Trichomonas vaginalis* é um protozoário anaeróbico, flagelado, com movimento contínuo característico, de transmissão, principalmente, sexual (COSTA et al., 2010).

O protozoário causa corrimento fétido e amarelo, podendo causar irritação vaginal. No homem, sinais como disúria, prurido, ulceração peniana acompanhada de queimação pós-coito podem ocorrer, podendo ser então assintomático ou sintomático leve (PASSOS, 2010).

Em mulheres com vida sexual ativa, que não usam preservativos, observa-se que a *Gardnerella* apresenta-se como frequente agente para a infecção vaginal (WANDERLEY, MAGALHAES E TRINDADE, 2000).

Segundo Gardner e Dukens (1995), a *Gardnerella vaginalis*, é uma bactéria de característica anaeróbia facultativa, inativa, característica de cocobacilos Gram-variáveis. Tendo como causa frequente as infecções do trato urinário. A enfermidade mais comum que esta bactéria pode causar é a vaginose bacteriana, em mulheres. Em homens, os achados desta bactéria não possuem importância clínica, entretanto casos de uretrite, prostatite e ITU's já foram relatadas.

A Candidose ou candidíase é uma micose originada por leveduras do gênero *Candida*, de importância clínica variável, podendo ser a lesão aguda, grave, branda, crônica, superficial ou profunda. Considerada uma mucosa oportunista, causada em maior frequência pelo agente *C. albicans*. Em situações de imunossupressão a bactéria possui característica agressiva. Tendo como origem exógena em casos de DSTs. Dentre os vários fatores que auxiliam na infecção fúngica, podemos ressaltar: o rompimento das barreiras cutâneas da mucosa, disfunção dos neutrófilos, distorção da imunidade mediada, por células, desordem metabólica, exposição direta aos fungos, extremos de idade (idosos e recém-nascidos), longo tratamento com antibióticos, transplantes, quimioterapias, entre outros (BARBEDO, 2012).

A *C. albicans* apresenta-se, em cerca de 20 a 25%, assintomática em mulheres sadias. Atualmente cerca de 75% das mulheres adultas já obtiveram episódios de candidíase vaginal durante a vida, com prevalência de *C. albicans*, a sua recorrência denota infecção secundária de outras moléstias, como diabetes mellitus, terapia hormonal exógena, SIDA (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) e imunodepressão. Como forma de fator predisponente está a

atividade sexual, diferentes tipos de proteção menstrual, roupas apertadas, substâncias de higiene íntima, gravidez, dispositivos intrauterinos (BARBEDO, 2012).

As manifestações da candidíase incluem coceira na vagina e na vulva, corrimento branco e espesso com ausência de odor, fissuras e maceração da pele, hiperemia e edema vulvar, disúria e dispaurenia (COSTA et al., 2010).

Uma DST bacteriana com elevada prevalência nos países desenvolvidos, e possivelmente nos em desenvolvimento, é a infecção por *Chlamydia trachomatis* (CT). Esta infecção, do tipo inflamatória, quando não diagnosticada é capaz de em mulheres, evoluir para doença inflamatória pélvica (DIP) com graves sequelas, bem como promover a transmissão do HIV. Além disso, pode resultar na mulher a infertilidade, gravidez ectópica e dor pélvica crônica, e nas grávidas, a infecção tem a competência de ser transmitida durante o parto (BENZAKEN, 2008).

O herpes genital é uma doença infectocontagiosa frequente e ascendente, tanto em nações que estão se desenvolvendo quanto naquelas já desenvolvidas. Tem como agente etiológico duas diferentes cepas do vírus herpes simples (HSV), o tipo 1 (HSV-1) e o tipo 2 (HSV-2). A transmissão acontece predominantemente pelo contato sexual incluindo o urogenital, podendo também ser transmitida durante o parto. A transmissão da doença também pode ocorrer através do contato com lesões ulceradas ou em vesículas, inclusive a partir de pacientes assintomático (PENELLO et al., 2010).

A Gonorréia no primeiro momento atinge as membranas mucosas do trato genital inferior, sua incidência é menor em reto, orofaringe e conjuntiva. Tendo como modo de transmissão mais frequente o contato sexual. Seu agente etiológico é a *Neisseria gonorrhoeae* tendo como características, ser um Gram-Negativo, um diplococo, não flagelado, encapsulado, não formador de esporos. Este Gonococo deve ser mantido em ambiente apropriado, pois não sobrevive em ambientes com pouca umidade. Prolifera adequadamente em temperaturas de 35 a 37°C, sendo necessário utilizar em alguns casos o dióxido de carbono ou de bicarbonato (SILVEIRA, 2010).

A gonorréia na mulher, apresenta período de incubação de 10 dias, a porção de mulheres que não permanece assintomática, apresentam sintomas como cervicite, corrimento vaginal, uretrite, disúria, corrimento vaginal e sangramento intermenstrual. O exsudato pode ou não estar presente, pode haver edema em zona de ectopia cervical e até sangramento

endocervical. Por volta de 10% dos casos de gonorreia ocorre obstrução tubária e infertilidade, sendo que salvo estes casos há uma probabilidade de gravidez ectópica (SILVEIRA, 2010)

Segundo Fredizzi (2008), outra infecção de transmissão sexual bastante recorrente é o HPV. Estima-se que mais ou menos 50% dos indivíduos com vida sexual ativa irão acarretar algum tipo de HPV em sua trajetória de vida, e que 80% das mulheres entrarão em contato até os 50 anos de idade com algum tipo de do papilomavírus humano. A infecção anogenital pode ocasionar uma variedade de manifestações clínicas, englobando verrugas genitais, neoplasia intraepitelial cervical, vaginal e vulvar, e câncer anal e genital. O vírus pode permanecer durante anos em sua forma latente, como também apresentar manifestações clínicas e subclínicas. O tempo médio entre a infecção inicial e a manifestação do câncer cervical é de aproximadamente 15 anos.

O exame de Papanicolau, é um dos mais eficientes para a prevenção da saúde da mulher, visto que o número de casos e os óbitos por câncer de colo de útero tem diminuído nos últimos 50 anos. O objetivo do exame é verificar a presença de células anormais ou cancerosas, mas pode principalmente observar o risco que uma mulher tem de vir a desenvolver o câncer antes de seu desenvolvimento no colo do útero. O nome dado ao exame refere-se ao nome de seu inventor, o médico greco-americano George Papanicolau em 1940 (FILHO, 2011).

Segundo Davim (2005), este teste é realizado por meio do esfregaço ou raspado de células esfoliadas do epitélio cervical e vaginal, com importância tanto para a prevenção secundária quanto para o diagnóstico, o que facilita a verificação de lesões pré-neoplásicas da própria doença em fases iniciais.

A utilização atrasada dos serviços de saúde por mulheres em risco decorre num dos fatores de baixo impacto do preventivo, como também a falta de seguimento e tratamento apropriado às mulheres que foram rastreadas (OLIVEIRA, 2006).

O controle da doença por via sexual, continua sendo a utilização de preservativos. É preciso mudar os hábitos da vida sexual, visto que a maioria não tem o costume de utiliza-la (CARRENO e COSTA, 2006).

Na vida sexual e reprodutiva, o preservativo masculino é um recurso acessível a homens e mulheres que atende à dupla função de proteção contra a gravidez e DSTs. Mesmos assim, são comuns as resistências explícitas ou veladas ao seu uso tanto por parte de homens como de mulheres (MADUREIRA e TRENTINI, 2007).

A camisinha é o método mais conhecido na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez, sendo que a sua não utilização relaciona-se com a confiança no parceiro, não gosta de usá-la e a imprevisão das relações sexuais (MARTINS et al., 2005).

A efetividade e segurança do preservativo dependem de seu uso correto e em todas as relações sexuais e da técnica de uso e conservação, próprias desse insumo. O uso regular aperfeiçoa a técnica de utilização, reduzindo a frequência de ruptura e escape, aumentando sua efetividade. Devem ser promovidos e disponibilizados como parte da rotina de atendimento (BRASIL, 2006).

Diante do exposto acima este trabalho objetiva-se investigar a quantidade de DST's e recorrentes baseado no resultado diagnosticado pelo exame Papanicolau no USF-SESC Paracatu-MG, além de identificar a idade de maior prevalência e o grau de conhecimento das cadastradas sobre a importância do uso de preservativo como método preventivo.

Métodos

Para o alcance do objetivo optou-se pelo estudo descritivo transversal, visto que possibilita pesquisar e obter conclusões a partir de um tema de interesse. Utilizará um estudo de prevalência, realizando levantamento dos dados das mulheres cadastradas na USF - SESC.

No primeiro momento, foi utilizado o n de 280 amostras coletadas durante o período de janeiro a dezembro de 2012 do banco de dados da USF-SESC Paracatu-MG para verificar a quantidade e quais DST's foram mais recorrentes.

A partir dos resultados apresentados no primeiro momento, foi aplicado pelos pesquisadores um questionário já validado (ALVES e LOPES, 2007) nas mulheres que se voluntariaram, que buscaram, nos horários de funcionamento do PSF-SESC. O questionário foi aplicado entre o mês de agosto e setembro de 2014, e o resultado foi utilizado para verificar o conhecimento das cadastradas sobre preservativos na prevenção de DST's.

As pesquisadas assinaram um termo de consentimento, autorizando a participação da pesquisa.

O projeto foi enviado ao Comitê de Ética e Pesquisa, CEP/Atenas, para ser avaliado segundo as normas éticas.

Os resultados foram interpretados utilizando o pacote estatístico Microsoft Office Excel (2013).

RESULTADOS

No primeiro momento, observou-se que do total de 280 mulheres que realizaram o exame Papanicolau, 13,2% apresentaram alterações no exame, sendo que 8,9% apresentaram *Gardnerella*, 3,6% *Candidíase*, e 0,7% *Tricomoniase*.

No segundo momento com a aplicação do questionário para as mulheres voluntárias que foram à unidade por motivo de consulta, observou-se que 24,5% das atendidas, pertencem à faixa etária entre 26 a 31 anos, e unidas matrialmente em 57,8%. O ensino médio completo foi evidente em 40,3%, com predomínio de renda entre 1 a 2 salários mínimos em 40,4% das mulheres. Quanto à religião, a mais frequentada foi a católica com 80,6%. (Tabela 1).

Tabela 1: Porcentagem das respostas referentes aos dados socioeconômicos das pesquisadas.

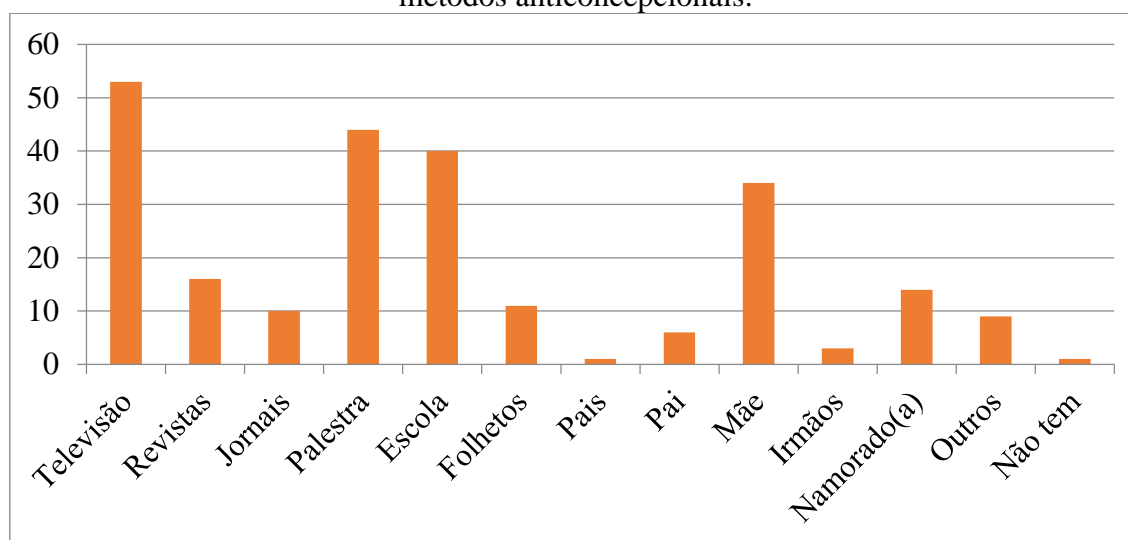
Variável	Especificações	n	%
Idade			
	Menos de 17 anos	7	6,2
	17 a 18 anos	4	3,6
	19 a 25 anos	18	15,7
	26 a 33 anos	28	24,5
	42 a 49 anos	20	19,3
	50 anos ou mais	13	11,4
Estado Civil			
	Solteira	43	37,7
	Casada	66	57,8
	Divorciada	4	3,6
	Viúva	1	0,9
Escolaridade			
	Ensino Fundamental		
Completo		21	18,4
	Ensino Fundamental		
Incompleto		9	7,8
	Ensino Médio	17	14,9

Completo			
	Ensino Médio		
Incompleto		46	40,3
Completo			
	Ensino Superior		
Incompleto		10	8,7
Religião			
	Católica	92	80,6
	Evangélica	19	16,7
	Espírita	1	0,9
	Outras	0	0
	Sem religião	2	1,8

Em relação à informação sobre métodos anticoncepcionais, 95,5% das mulheres apresentaram conhecimento, enquanto 4,5% não. Quando abordado sobre a aprovação do uso da camisinha, 94,7% foram a favor do uso, sendo que 5,3% não foram.

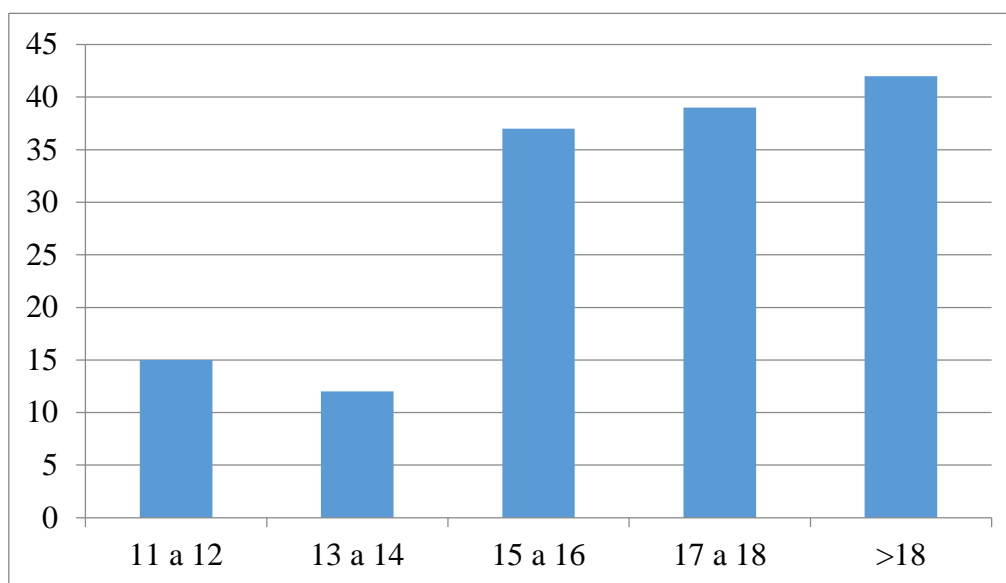
Das mulheres pesquisadas, 21,9% adquiriram conhecimentos sobre os métodos anticoncepcionais através da televisão (Gráfico 1).

Gráfico1: Porcentagem dos meios sobre os quais as entrevistadas adquiriram conhecimento sobre métodos anticoncepcionais.



A faixa etária de prevalência do início da atividade sexual foi acima de 18 anos, em 31% das mulheres (Gráfico 2).

Gráfico 2: Porcentagem da idade da primeira relação sexual.



Quanto à vida sexualmente ativa no momento, 85% das mulheres disseram apresentar, enquanto 15% não relataram ter.

Em relação à utilização de métodos anticoncepcionais, 63% das mulheres não utilizam, enquanto 47% usam. Dessas, 73,8% fazem o uso de anticoncepcional oral, 19% de preservativo masculino, 4,8% anticoncepcional injetável e 2,4% utilizam outros métodos contraceptivos.

Do total de mulheres casadas, 69,7% alegam usar camisinha durante o ato sexual, enquanto 30,3% relataram não usar. 55,3% das mulheres não apresentam conhecimento sobre o coito interrompido e 88,59% não consideram o aborto um método anticoncepcional.

Das mulheres pesquisadas, 69,29% sabem o que significa DST, enquanto 30,71% não sabem e 90,35% consideram que a camisinha protege contra DST's durante a relação sexual oral ou anal, contudo 9,65% das mulheres não concordam. Além disso, 82,5% das mulheres consideram esta como método eficaz na anticoncepção, além de impedir, também, a gravidez,

sendo que 17,5% não consideraram. Ainda em relação à camisinha masculina, 61% acreditam que a utilização desta não deixa o homem estéril e 39% não.

Como método de prevenção nas DST's, 68% das mulheres questionadas consideraram a camisinha masculina como método anticoncepcional para a prevenção contra DST, sendo que 32% não.

DISCUSSÃO

Do total de mulheres que realizaram o Papanicolau e apresentaram do resultado, na maioria detectou-se *Gardnerella*, seguido de candidíase e tricomoníase. Segundo Motta et al. (2001), a alteração mais frequente no exame preventivo foi *Gardnerella* (8,6%). Já para Moreira et al. (2012), a candidíase foi a segunda DST mais frequente (15,4%). Segundo Barcelos et al. (2008), na últimas décadas, observou-se uma diminuição no número de casos de tricomoníase devido a tratamento com metronidazol e melhores condições de saúde da população. Outros estudos no Brasil mostraram taxa de cerca de 4% de tricomoníase em mulheres (BARCELOS et al., 2008). As DST's mesmo que preveníveis estão presentes na saúde da mulher, mesmo que um número não tão significativo mostra-se a necessidade de maior divulgação da importância do uso de preservativos para a prevenção de DST's.

A maioria das mulheres que responderam o questionário encontra-se na faixa etária entre 34 e 42 anos, casadas, com baixa renda familiar, católicas, com ensino médio completo. De acordo com Carreno e Costa (2006), a maioria das mulheres possuíam faixa etária entre 40 a 49 anos, sendo a maioria casada, em relação a renda familiar a predominância foi menos de 3 salários mínimos. Ser casada e ter renda baixa podem estar associados a não utilização do uso de preservativos, devido à falta de informação e pela confiabilidade no parceiro.

A faixa etária de maior prevalência em relação ao início da atividade sexual foi acima de 18 anos. Esse dado difere do Brasil (2000) apud Borges e Schor (2002) traz uma diminuição do início da atividade sexual, com uma média de 15,2 anos. Esta redução da média de idade a redução da média de idade pode-se associar a uma maior probabilidade de adquirir DST's visto a maior quantidade de parceiros.

Sobre o conhecimento de métodos anticoncepcionais, neste trabalho a maioria das mulheres apresentou alguma informação, enquanto Schor et al. (2000), disseram que 86,4% das mulheres apresentam conhecimento significativo de métodos anticoncepcionais.

Nota-se uma discrepância entre este estudo e o estudo de Carreno e Costa (2006), o que cria a hipótese de que com o passar dos anos houve uma preocupação em relação à anticoncepção e prevenção de DST's. Em relação ao presente estudo à camisinha masculina como método anticoncepcional 39,5% das mulheres aderem à utilização, e como método preventivo de DST's 90,35% referiram usar. Enquanto no estudo realizado por Carreno e Costa (2006), apenas 12% relataram o uso como método contraceptivo e 17,1% como uso preventivo às DST's.

Observou-se como método contraceptivo utilizado com maior frequência a pílula, seguida de camisinha e menos frequente o uso de anticoncepcionais injetáveis e DIU. Portanto, mulheres apresentaram maior preocupação em engravidar do que adquirir DST's. Um estudo realizado em Porto Alegre (RS) por Duarte et al. (2011) avaliou a descrição de contraceptivos utilizados pelas mulheres em vida sexual ativa que foi dada na seguinte ordem: a pílula foi o método mais referido (61,8%), seguido do preservativo masculino (38,2%) e do anticoncepcional injetável (13,6%). Na categoria "outros métodos", uma mulher era usuária de DIU, uma de coito interrompido e 5,5% das mulheres alegaram estar sem parceiro.

Os meios obtidos de conhecimento de métodos anticoncepcionais mais prevalentes foram televisão, palestras e escolas. Segundo Nicolau et al. (2012), os dados encontrados foram profissionais da saúde (56%), amigos (36%), meios de comunicação (2%), por conta própria (4%) e orientada pelo balconista da farmácia (2%). Estes dados mostram um déficit dos programas de Programas da saúde da mulher em focar a importância do uso de preservativos quando comparado com o estudo de Nicolau et al., (2012), visto que a maioria obteve conhecimento por profissionais da saúde, enquanto mulheres da USF-SESC tiveram informações por outros meios, portanto, observa-se a importância de levar programas a USF que informem as mulheres sobre a importância do uso da camisinha para a prevenção de DST's.

Em relação à pergunta sobre camisinha masculina tornar o homem estéril, a maioria das mulheres acreditam que sim. Em um estudo realizado por Shor e Borges (2002) o mesmo relata que o conhecimento sobre métodos contraceptivos seja universal, não há um conhecimento inadequado, o que leva ao uso inapropriado, desenvolvendo situações onde os mitos sobre

métodos anticoncepcionais são criados. Este mito mostrou-se que ainda existem mulheres que acreditam que a camisinha masculina torna o homem estéril, o que pode aumentar a probabilidade de não uso da mesma.

Em relação às limitações deste estudo, uma das mais importantes é o provável viés de informação em relação ao comportamento sexual, uma vez que o questionamento sobre vida sexual é um assunto de natureza íntima e pode causar constrangimento e desconfiança quanto ao sigilo das informações coletadas. Baseado nisso, alguns cuidados foram tomados no sentido de minimizar essa limitação: questionários anônimos, compromisso verbal e escrito do caráter confidencial das informações obtidas. Outra limitação é o trabalho apenas com as mulheres voluntárias que tinham consulta marcada para os dias em que foi feita a pesquisa.

CONCLUSÃO

Conclui-se, portanto, que a idade de maior prevalência encontrada está entre 34 a 42 anos e a maioria das pesquisadas apresentaram conhecimento sobre os métodos anticoncepcionais. Dessa forma é possível inferir que o não uso da camisinha está relacionado com a falta de conhecimento, sendo esta utilizada com maior frequência com a finalidade de evitar a gravidez, não dando importância a prevenção de DST's.

Logo, faz-se necessário um estudo para avaliar os motivos de não usá-lo para prevenir doenças associando este a palestras com o intuito de conscientizar a população feminina. Aliado às Unidades de Saúde, com participação de setores não governamentais e governamentais, devem ser desenvolvidos programas para consolidar o conhecimento da necessidade de se utilizar o preservativo para prevenir-se de DST's e transformá-lo em comportamento sexual seguro e responsável independentemente da idade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Aline Salheb; LOPES, Maria Helena Baena de Moraes. **Uso de métodos anticoncepcionais entre adolescentes universitários.** Revista Brasileira de Enfermagem 2008, v.61, n.2, pp. 170-7.

ALVES, Maria José; OLIVEIRA, Rita; BALTEIRO, Jorge; CRUZ, Agostinho. **Epidemiologia de Trichomonas vaginalis em mulheres.** Revista Portuguesa de Saúde Pública 2011, v.29, n.1, pp. 27-34.

AVELLEIRA, José Carlos Regazzi; BOTTINO, Giuliana. **Sífilis: diagnóstico, tratamento e controle.** Educação Médica Continuada 2006, v.81, n.2, pp. 111-26.

BARBEDO, Leonardo S; SGARBI, Diana BG. **Candidíase.** DST – Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis 2010, v.22, n.1, pp. 22-38.

BARCELOS, Mara Rejane Barroso; VARGAS, Paulo Roberto Merçon de; BARONI, Carla; MIRANDA, Angélica Espinosa. **Infecções genitais em mulheres atendidas em Unidade Básica de Saúde: prevalência e fatores de risco.** Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia 2008, v.30, n.7, pp. 349-354.

BENZAKEN, Adele S; GALBAN, Enrique; MOHERDAUI, Fábio; PEDROZA, Valderiza; NAVECA, Felipe G, ARAÚJO, Adauto; SARDINHA, José Carlos G. **Prevalência da infecção por Chlamydia trachomatis e fatores associados em diferentes populações de ambos os sexos na cidade de Manaus.** Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis 2008, v.20, n.1, pp. 18-23.

BORGES, Ana Luiza Vilela; SCHOR, Néia. **Início da vida sexual na adolescência e relações de gênero: um estudo transversal em São Paulo, Brasil, 2002.** Caderno de Saúde Pública 2005, v.21, n.2, pp. 499-507.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Controle dos cânceres do colo do útero e da mama.** Cadernos de Atenção Básica 2006, 13. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/controle_canceres_colo_uterio_mama.pdf Acesso em: 17 maio 2014.

CARRENO, Iona; COSTA, Juvenal Soares Dias da. **Uso de preservativos nas relações sexuais: estudo de base populacional.** Revista Saúde Pública 2006, v.40, n.4, pp. 720-6.

CODES, José Santiago de; COHEN, Deborah Ann; MELO, Neli Almeida de; TEIXEIRA, Guilherme Gonzaga; LEAL, Alexandre dos Santos; SILVA, Thiago de Jesus; OLIVEIRA, Miucha Pereira Rios de. **Deteção de doenças sexualmente transmissíveis em ambientes**

clínicos e não clínicos na Cidade de Salvador, Bahia, Brasil. Caderno de Saúde Pública 2006, v.22, n.2, pp. 325-334.

COSTA, Marina Carvalho; DEMARCH, Eduardo Bornhausen; AZULAY, David Rubem; PÉRISSÉ, André Reynaldo Santos; DIAS, Maria Fernanda Reis Gavazzoni; NERY, José Augusto da Costa. **Doenças sexualmente transmissíveis na gestação: uma síntese de particularidades.** Anais Brasileiro de Dermatologia 2010, v.85, n.6. pp. 767-785.

DAVIM, Rejane Marie Barbosa; TORRES, Gilson de Vasconcelos; SILVA, Richardson Augusto Rosendo da; SILVA, Danyella Augusto Rosendo da. **Conhecimento de mulheres de uma Unidade Básica de Saúde da cidade de Natal/RN sobre o exame de Papanicolau.** Revista da Escola de Enfermagem da USP 2005, v.39, n.3, pp. 296-302.

DUARTE, Heloisa Helena; BASTOS, Gisele Alsina; DUCA, Giovâni Firpo; CORLETA, Helena Von Eye. **Utilização de métodos contraceptivos por adolescentes do sexo feminino da Comunidade Restinga e Extremo Sul.** Revista Paulista de Pediatria 2011, v.29, n.4, pp. 572-6.

FILHO, Lindolfo de Almeida Freitas. **O exame papanicolau e o diagnóstico das lesões invasoras do colo de útero.** Monografia apresentada à Universidade Paulista e Centro de Consultoria Educacional 2011, 3-46.

FREDIZZI, Edison N. **Infecção pelo Papilomavírus Humano (HPV) em mulheres de Florianópolis, Santa Catarina. DST.** Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis 2008, v.20, n.2, pp. 73-79.

MADUREIRA, Valéria Silvana Faganello; TRENTINI, Mercedes. **Da utilização do preservativo masculino à prevenção de DST/AIDS.** Ciência & Saúde Coletiva 2008, v.13, n.6, pp. 1807 - 1816.

MAGALHÃES, D.M.S.; KAWAGUCHI, I.A.L.; DIAS, A.; CALDERON, I., M., P. **A sífilis na gestação e sua influência na morbimortalidade materno-infantil.** Comunicação em Ciências da Saúde 2011, v.22, n.1, pp. S43-S54.

MARTINS, Laura B. Motta; PAIVA, Lúcia Helena S. da Costa; OSIS, Maria José ; SOUSA, Maria Helena; NETO, Araújo M. Pinto; TADINI, Valdir. **Fatores associados ao uso de preservativo masculino e ao conhecimento sobre DST/AIDS em adolescentes de escolas públicas e privadas do Município de São Paulo, Brasil.** Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro 2006, v.22, n.2, pp. 315-323.

MOREIRA, Tamires Machado; PARREIRA, Bibiane Dias Miranda; DINIZ, Mariana Aleixo; SILVIA, Sueli Riul. **Conhecimento das mulheres idosas sobre doenças sexualmente transmissíveis, conhecimento, uso e acesso aos métodos preventivos.** Revista Eletrônica de Enfermagem 2012, v.14, n.4, pp. 803-10.

MOTTA, E.V. da; FONSECA, A.M da; BAGNOLI, V.R.; RAMOS, L. de; PINOTTI, J.A. **Colpocitologia em ambulatório de ginecologia preventiva.** Revista de Associação Médica Brasileira 2001, v.47, n.4, pp. 302-310.

NAI, Gisele Alborghetti; MELLO, Ana Lúcia Parizi; FERREIRA, Argema Domingues; BARBOSA, Ricardo Luís. **Frequência de *Gardnerella vaginalis* em esfregaços vaginais de pacientes hysterectomizadas.** Revista de Associação Médica Brasileira, 2007, v.53, n.2, pp. 162-165.

NICOLAU, Ana Izabel Oliveira; DANTAS, Renata Cordeiro; GADELHA, Ana Paula Pires; PINHEIRO, Ana Karina Bezerra. **Conhecimento, atitude e prática de mulheres residentes no meio rural acerca dos métodos contraceptivos.** Revista Eletrônica de Enfermagem 2012, v.14, n.1, pp.164-70.

OLIVEIRA, Márcia Maria Hiluy Nicolau de; SILVA, Antônio Augusto Moura da; BRITO, Luciane Maria Oliveira; COIMBRA, Liberata Campos. **Cobertura e fatores associados à não realização do exame preventivo de Papanicolaou em São Luís, Maranhão.** Revista Brasileira de Epidemiologia 2006, v.9, n.3, pp. 325-34.

PAIVA, Vera; CALAZANS, Gabriela; VENTURI, Gustavo; DIAS, Rita. **Idade e uso de preservativo na iniciação sexual de adolescentes brasileiros.** Revista Saúde Pública 2008, v.42, n.1, pp. 42-53.

PASSOS, Mauro Romero Leal; ARZE, Wilma Nanci Campos; MAURICIO, Cagy; BARRETO, Nero Araújo; VARELLA, Renata de Queiroz; CAVALCANTE, Silva Maria Baeta; GIRALDO, Paulo Cesar. **Há aumento de DST no carnaval? Série temporal de diagnósticos em uma clínica de DST.** Revista da Associação Médica Brasileira 2010, v.56, n.4, pp. 420-7.

PENELLO, Angelo; CAMPOS, Bianca C; SIMÃO, Marcela S; GONÇALVES, Michelle. **A Herpes genital. DST.** Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis 2010, v.22, n.2, pp. 64-72.

PENNA, Gerson Oliveria; HAJJAR, Ludhmila Abrahão; BRAZ, Tatiana Magalhães. **Gonorréia.** Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical 2000, v.33, n.5, pp. 451-464.

SANTANA, Janne Eyre Oliveira. **A importância da realização do Papanicolau em gestantes: uma revisão da literatura.** Cadernos de Graduação - Ciências Biológicas e da Saúde 2013, 1 v.17, pp. 39-48.

SILVEIRA, Alessandro Conrado de Oliveira; SOUZA, Helena Aguiar Peres Homem de Mello; ALBINI, Carlos Augusto. **A Gardnerella vaginalis e as infecções do trato urinário.** Jornal Brasileiro de Patologia e Medicina Laboratorial 2010, 46(4): 295-300.

SCHOR, Néia; FERREIRA, Andrea Felicissimo; MACHADO, Vera L.; FRANÇA, Ana Paula; PIROTTA, Kátia C.M.; ALVARENGA, Augusta Thereza; SIQUEIRA, Arnaldo Augusto Franco de. **Mulher e anticoncepção: conhecimento e uso de métodos anticoncepcionais.** Caderno Saúde Pública 2000, 16 (2): 377-384.

SHOR, Ana Luiza Vilela; SHOR, Néia. **Início da vida sexual na adolescência e relações de gênero: um estudo transversal em São Paulo, Brasil, 2002.** Caderno Saúde Pública 2005, 21 (2): 499 – 507.

SOUSA, Leilane Barbosa de; CUNHA, Denise de Fátima Fernandes; XIMENES, Lorena Barbosa; PINHEIRO, Ana Karina Bezerra; VIEIRA, Neiva Francenele Cunha. **Conhecimento, atitudes e prática de mulheres acerca do uso do preservativo.** Revista Enfermagem UERJ 2011, 19 (1) :147-52.